

A Biblioteca do Gabinete de História da Cidade do Porto

afarcom

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

(Subsidiado pela Junta de Educação Nacional)

Director — Prof. Dr. Mendes Corrêa

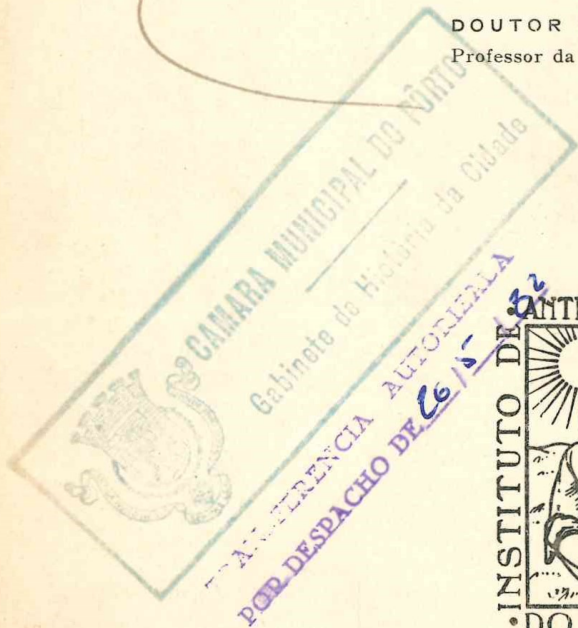
MALHA DO CEREAL NA CARDENHA E CORO DOS MALHADORES

POR

MAESTRO AFONSO VALENTIM
Regente do Orfeão Universitário do Porto

PADRE ANTÓNIO MOURINHO
Pároco de Duas Igrejas, Miranda do Douro

DOUTOR SANTOS JÚNIOR
Professor da Universidade do Porto



Porto

TIP. DA LIVRARIA SIMÕES LOPES
Rua Cândido dos Reis, 47 — Telef. 20761

1955



B)
31.56(469.21)(04)
AL

Faint, illegible handwriting at the top of the page, possibly bleed-through from the reverse side.

Faint, illegible handwriting below the top line.



SEPARATA DE «DOURO-LITORAL»
N.º VII-VIII DA SEXTA SÉRIE

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
11604

Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores

Ao Ex.^{mo} Senhor Dr. Augusto César Pirès de Lima, decano dos etnógrafos portugueses, organizador e ilustre director do Museu Etnográfico do Douro-Litoral, e Mestre da Etnografia do Baixo-Minho.

O. D. C.

OS AUTORES

Há muitos anos que um de nós (S. J.), em pesquisas etnográficas por terras do leste trasmontano, ouviu falar do «coro dos malhadores», canção que os lavradores da Cardenha costumavam cantar nas eiras, a quando da malha dos cereais.

A Cardenha é freguesia do concelho de Moncorvo. Fica situada num pequeno planalto dum maciço granítico que se levanta entre o vale da Vilarça e o rio Sabor. Este maciço forma, no termo da Cardenha, a margem direita deste rio numa extensão dos seus 5 a 6 km., um pouco antes da sua confluência com o rio Douro.

A Cardenha ⁽¹⁾ fica no extremo nordeste do concelho de Moncorvo a confinar com a Gouveia, freguesia do vizinho concelho de Alfândega da Fé.

Há muito que era nosso desejo ir à Cardenha ouvir o «coro dos malhadores». O ensejo proporcionou-se em Julho de 1952.

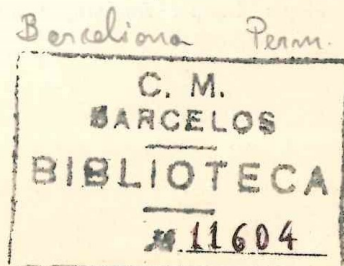
Ali fomos num dia de sol escaldante, verdadeiro dia de malhada ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Há quem escreva *Cardanha*. Parece, porém, que a justa grafia é *Cardenha*, aliás em concordância com o que se conta quanto à origem da terra. Diz-se lá que, em tempos remotos, a povoação ficava perto do rio, lá para baixo, ao fundo da ladeira. As culturas do planalto teriam obrigado a gente da povoação da ladeira a construir ali casinhotos para guarda de alfaias agrícolas e abrigo das pessoas e gados. A estes casinhotos, de construção, por via de regra, pouco cuidada, chamam-se, em muitas terras trasmontanas, *cardenhos*. Estes teriam sido construídos junto da fonte que brota água límpida durante todo o ano.

Mais tarde, quando a povoação abandonou a ladeira, quem sabe se fugida ao paludismo do vale do Sabor, e veio instalar-se no planalto, o sítio seria um amontoado de *cardenhos*. Daí o nome da povoação e respectiva freguesia, a Cardenha actual.

⁽²⁾ São difíceis as comunicações com a Cardenha, arredada no extremo do concelho e sem estrada. Valeu-nos o Sr. Dr. Francisco Rodrigues, Delegado de Saúde do Concelho de Moncorvo, e natural da Cardenha, que, no seu automóvel, nos levou pela Eucísia até à Gouveia e nos conseguiu cavalgadas para fazermos, a cavalo, uns 5 km., que tanto é, aproximadamente, a distância que vai da Gouveia até à Cardenha.

Ao Sr. Dr. F. Rodrigues os nossos agradecimentos por todos os auxílios, facilidades e atenções que nos dispensou, bem como a sua família.



Com as notas que então colhemos fizemos uma comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia em sua sessão científica de 15 de Dezembro de 1953 (1).

Agora publicamos os materiais dessa comunicação. Constituem uma achega para o estudo comparado das malhas no leste de Trás-os-Montes (2).

*

* *

Na Cardenha não há uma eira vasta e comum, como sucede em tantas aldeias de Trás-os-Montes onde as eiras, ou *eirados*, são extensas porções de terreno, grandes baldios da comunidade, que, além de servirem para a debulha dos cereais, se destinam também à pastagem do gado. Em muitas aldeias é o chamado *prado*, *vale* ou *veiga*.

Na Cardenha abundam os rochedos de granito. Muitos arredondados, outros mais ou menos aplanados. Destes, alguns mesmo ao rés da terra, ou dela pouco salientes: são os escolhidos para neles se improvisar a eira.

Aos lados vai-se amontoando o cereal em *mêdas*, grandes montões de molhos de trigo ou de *pão* (3), de tal modo sobrepostos que a *mêda* resulta de forma mais ou menos cônica, por vezes com quatro ou cinco metros de altura.

O elemento unidade da *mêda* é o *molho*.

Cada *molho* tem 4 a 5 *gabelas*; a *gabela* 3 ou 4 *manadas* ou *manujas* (4); a

(1) Um grupo de estudantes que faziam parte do Orfeão Universitário do Porto, sob a regência de um de nós (A. V.), teve a gentileza de, a quando da nossa comunicação, cantar algumas quadras do « coro dos malhadores ».

Foi a primeira vez, supomos, que o Orfeão Universitário colaborou num trabalho de investigação, o que nos apraz registrar com os nossos agradecimentos à direcção do mencionado Orfeão.

(2) O Dr. José Gonçalo C. Herculano de Carvalho, Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra, publicou em 1953 um extenso e esgotante trabalho sobre os sistemas primitivos da debulha na Península Ibérica, onde se refere às áreas trasmontanas. O trabalho intitula-se *Coisas e Palavras — Alguns Problemas Etnográficos e Linguísticos Relacionados com os Primitivos Sistemas de Debulha na Península Ibérica*. Coimbra, 1953, XII, mais 407 págs. e 13 mapas, além de muitos outros e gravuras insertas no texto.

(3) *Pão* ou centeio. É correntíssima por quase todo o leste trasmontano esta sinonímia. A cada passo se ouvem expressões como estas: « Este ano o tempo vai mau para os *pães* », ou então « Graças a Deus este ano deve ser bom ano de *pão*; os *pães* vão lindos, *gafejaram* muito bem ». Este *pão* é sinónimo de centeio e os *pães* de searas do mesmo.

Gafejar exprime o afilhamento, isto é, do mesmo grão de semente não nasce uma só haste com sua espiga, mas 4, 5, 6 e mais hastes, todas elas bem espigadas. Em Miranda diz-se *garfear*, e ao cereal assim afilhado *garfo*.

Em Mindelo, Vila do Conde, ao centeio chamam « *pão macho* », e tanto este como o trigo eram, antigamente, malhados com o « malho de rebimba ».

(4) *Manuja* é palavra que significa a manada de *pão* que a mão consegue abranger em regra por cada 3, 4 ou 5 foçadas. Em Mirandês, o termo correspondente é, como em Português, *manada*. O conjunto de 3 ou 4 manadas forma em Mirandês uma *gabielha*. O conjunto de 4 ou 5 *gabielhas* faz um *manólho*. A raiz de *manólho* e *manuja* é comum.

Manuja não aparece no vocabulário português da Academia; parece, portanto, um novo provincialismo a juntar ao vocabulário trasmontano.

Meyer Lübke, *Introdução ao estudo da glotologia românica*, Lisboa, 1916, pág. 284, cita

manada ou *manuja* é a porção de hastes de *pão* ou trigo que a mão esquerda, ao segar, vai abarcando até não poder mais. É, digamos, uma mão-cheia.

Registe-se que os montões de molhos que após a segada se fazem na terra de semeada não se chamam *mêdas*, mas *relheiros* ou *rolheiros*.

O *relheiro*, sempre mais pequeno que a *mêda*, tem 20, 25 ou mesmo 30 *pousadas*, e cada *pousada* 5 molhos.

Um bom carro de bois pode carregar 20 *pousadas*, isto é, um *relheiro* pequeno.

Se o ano for bom, cada *pousada* terá a produção média de 20 litros de grão, ou seja um *rasão* ou quase alqueire e meio. O alqueire tem no concelho de Moncorvo a capacidade de 13,3⁽¹⁾.

Na eira, por via de regra, o cereal é medido aos sacos e o saco leva, em média, 4 ou 5 alqueires.

Em muitas povoações trasmontanas, ainda se adoptam as medidas tradicionais do alqueire e da *talha*. As suas capacidades variam de povoação para povoação. Segundo informação do Sr. Manuel Feliciano Afonso, de Freixiosa, nesta povoação, no Palancar e em Cércio (Miranda), cada *talha* vale 30 alqueires; em Pena Branca tem 20. De um modo geral 100 ou 150 molhos, conforme as povoações e os caminhos, carregam um carro de *pão* em rama, os quais, depois de malhados, produzirão uma *talha*. Em geral, cada 5 molhos produzem um alqueire de *pão*.

Em face deste elemento de estimativa que a tradição foi apurando e fixou, o lavrador, pelo número de carradas no transporte do cereal da terra da semeada para a eira, calcula, com grande aproximação, o número de alqueires ou *rasões* que virá a ter.

*

* *

Vejamos as diferentes fases da malha do cereal na Cardenha.
Quer se trate de trigo quer de *pão*, as voltas são as mesmas.

Astrar a covela

É o primeiro acto da preparação do eirado.

W. Schulze, que por sua vez cita a raiz comum *manucus* por *panupulus*, que em Romeno deu *manuchui*, em Italiano *manochio*, no Francês antigo *manoil*, em Castelhana *monojo*, em Português *molho* e em Mirandês *manólho*.

Sobre a etimologia de *manada*, veja-se a obra do Dr. Herculano de Carvalho, *Coisas e palavras*, etc., cit.; pág. 132 e segs..

(1) A tradicional medida do alqueire varia de concelho para concelho, e até, em muitos, de freguesia para freguesia. O Sr. José Augusto Barata, chefe dos serviços de aferição de pesos e medidas do concelho de Moncorvo, forneceu-nos, amavelmente, lista dos diferentes valores de algumas velhas medidas no leste trasmontano, tais como pipa, almude, canada e alqueire. Este tem a menor capacidade em Moncorvo, onde, como dissemos, é de 13,3 litros; em Mogadouro é de 15,4 litros; em Miranda do Douro 14,6 litros; em Bragança 14,4 litros; em Vinhais 17,2 litros, etc.

Da *mêda* vão tirando os *molhos*. Estes vão sendo desatados e convenientemente estendidos na eira.

Começa-se por uma borda.

O cereal, ao ser desatado, é posto de modo que as espigas fiquem voltadas para o meio da eira constituindo a primeira fiada ou fiada marginal.

Está feita a *covela*, a que podemos chamar margem ou bordadura do eirado (Fig. 1).

Astrar

É pôr o cereal em filas com as espigas sempre para o mesmo lado, o lado da *covela* (Fig. 1 e Est. I, fig. 5).

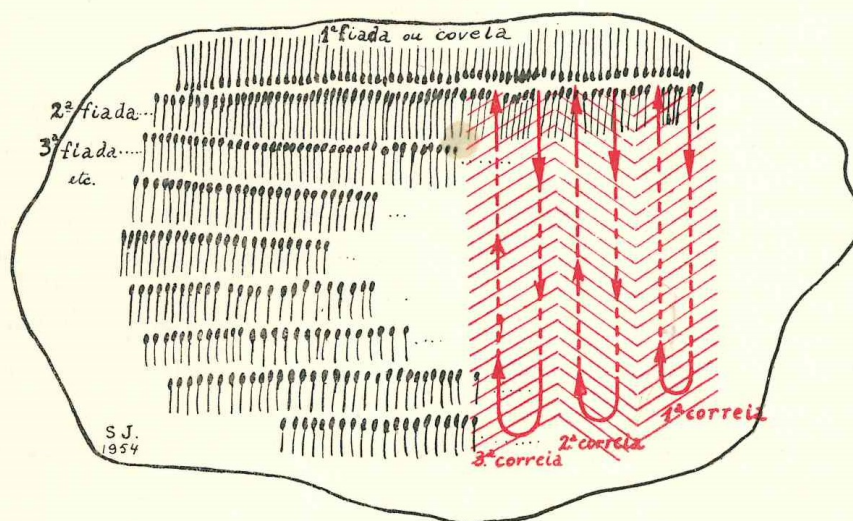


Fig. 1 — Eirado com o cereal posto às fiadas, e indicação da *decrua* feita às *correias*. Cada fiada sobrepõe-se ligeiramente à anterior, o que não se marcou no desenho para não diminuir a sua objectividade esquemática.

Terminado este serviço está o *eirado* completo ou *astrado*.

Decrua

Os malhadores, em duas filas frente a frente, com as *mangueiras* (Fig. 2) vão malhando fortemente ⁽¹⁾ o cereal ao través (Est. I, fig. 6 e Est. II, fig. 7 e 8), isto é,

⁽¹⁾ Embora esta primeira malhadela seja feita com certa violência, a «puxar», como é frequente dizer-se, a delguez do *malho* ou *pau da mangueira* não permite que este, ao bater, faça grande ruído, de molde a atoar ao longe. No Minho é quase geral, no fim das eiradas, os malhadores, num verdadeiro jogo de competição, esforçarem-se por dar «estoiros» o mais fortes que possam ser, de modo a ouvirem-se ao longe.

O Sr. Dr. Augusto César Pires de Lima informou-nos, amavelmente, de que «em Santo Tirso, no

o *pau da mangueira* ou *malho* quando, ao bater, cai, deve fazê-lo em direcção normal ao eixo das hastes do cereal. A malha é sempre feita às *correias*, ou seja às faixas correspondentes sensivelmente ao comprimento do *pau das mangueiras*. Cada *correia* leva duas passagens, uma para lá e outra para cá (Fig. 1).

As *correias* devem iniciar-se do lado para onde estão voltadas as espigas, isto é, a malha de cada *correia* inicia-se sempre do lado da *covela*.

Terminada a última *correia*, está pronta a *decrua*. Assim se designa esta primeira malhadela.

Virar a covela

Apanham a *covela* às braçadas e põem-na para dentro em cima da 1.^a fiada.

Este serviço pertence às mulheres.

A 1.^a fase da malha termina pela *decrua da covela*, que é sempre malhada com toda a força, em manifesta exteriorização de valentia.

Virar o eirado

É serviço das mulheres.

Pegam no cereal às braçadas e voltam-no, de modo que a parte que estava por baixo fique para cima (Est. III, fig. 9).

Entravessa

É a segunda malhadela; também feita às *correias* como na *decrua*.

É na *entravessa* que os malhadores cantam o seu notável coro de que nos ocuparemos adiante.

Nunca cantam na *decrua*. Razão? Ser esta muito puxada.

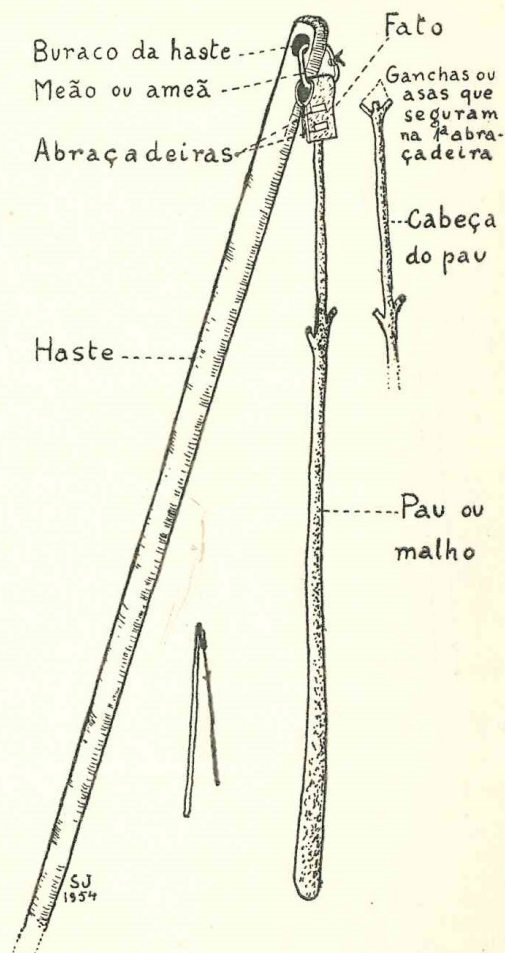


Fig. 2 — Mangueira

fim da malha da eirada, era costume ficarem dois malhadores, como que ao desafio, a ver qual deles *troava* mais alto.» No vol. 3.^o dos seus *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*, Junta de Província do Douro Litoral, Porto, 1948, este mesmo distinto etnógrafo, diz, a pág. 275, que, embora as malhas se ouçam a grande distância, isso deve estar longe da légua ou mais (?) de que fala Alberto Pimentel (Vide *Santo Thyrso de Riba d' Ave*, pág. 234, cfr. Rev. Lusit., Vol. VI, pág. 139; apud. A. C. Pires de Lima, trab. cit., pág. 275).

Na Cardenha, bom malhador é aquele que no máximo do esforço levanta bem ao atrás o *pau* ou *malho*, como se vê na Est. II, fig. 7, nos homens do segundo plano. Se o esforço é menor, o *pau* ou *malho* fica caído como se vê na Est. II, fig. 8, e então dizem que o *pau* está de «rabo de enguia».

De facto, na *entrevessa* o bater do *malho* ou *pau das mangueiras* é muito menos forte do que na decrua (Est. III, fig. 10).

Tira do colmo

É serviço das mulheres.

Nos eirados de *pão*, ou centeio, enquanto os homens fazem a *entrevessa*, as mulheres vão escolhendo, às braçadas, a palha mais direita, menos quebrada, o *colmo*, que tiram para fora da eira e atam aos molhos, cada molho com dois *banceilhos*.

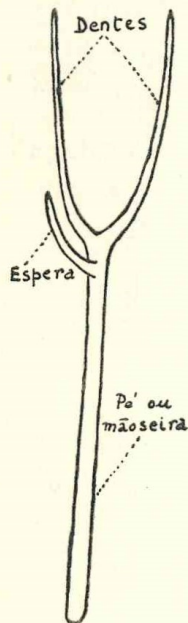


Fig. 3 — Forcada

Abrir a palha

É fazer *cordão* no meio da eira (Est. IV, fig. 11).

Os homens, com as *forcadas* (Fig. 3), vão arrebanhando a palha de todo o eirado e vão-na amontoando ao comprido e a meio da eira. Quando a eira é grande, fazem dois ou até três cordões.

Ao proceder a este serviço, ao arrebanhar a palha, abrem-na e sacodem-na algum tanto, para que o grão interposto caia.

Tira da palha

A *tira da palha* é feita pelos homens com *forcadas*. Estas são ramos de freixo, olmo, lóvão ou amendoeira, terminados por 3, 4 ou até 5 galhos mais ou menos convergentes, que, forçados por cordas ou liames, se deixaram secar em posição e curvatura convenientes, como bem mostra a fig. 3.

A *tira da palha* é o desfazer do eirado, arrastando a palha, que tinha sido posta em *cordão*, para fora da borda da eira (Est. IV, fig. 12). A palha, ao arrastar, é *dobrada*, isto é, vai sendo virada para ir caindo o grão.

João Afonso, acoanhar ou tirar o coanho

Não conseguimos averiguar o significado deste João Afonso.

Apenas isto: que ao começar esta fase da faina costumam cantar uma quadra de que registámos as duas modalidades seguintes:

Estava o João Afonso
Tropicando no arado ⁽¹⁾.
Veio lá um lobo pardo
E agarrou-lhe no rabo.

Andando o João Afonso
Tropicando no arado,
Veio um lobo pardo
E agarrou-se-lhe à ateiró.

(1) *Tropicar* no arado é o martelar com que o lavrador alivia ou aperta as cunhas da *ateiró* do arado, para dar a este maior ou menor abertura e, consequentemente, o rego ser mais ou menos fundo. O *Tropicar*

Ninguém, na Cardenha, soube explicar esta referência ao lobo pardo (1).

O último verso da primeira quadra termina muitas vezes por um vocábulo trissílabo com que, em linguagem soez, se designa o órgão sexual masculino. Outras vezes o último verso é, como na 2.^a quadra: E agarrou-se-lhe à *ateiró*.

A *ateiró* é uma peça do arado que, pela extremidade inferior, encaixa e faz corpo com a *rabela* ou *rabiça* e que, passando num vazado do *temão* ou *timão*, se ergue para diante e para cima. A *ateiró* pode ser de ferro ou de madeira.

Da posição da *ateiró* resulta a maior ou menor abertura do arado e, daí, o rego mais ou menos fundo.

É bem possível que, na quadra, a *ateiró* figure com o significado do órgão sexual masculino. Em muitas quadras do «coro dos malhadores» são manifestas as alusões, ou veladas ou declaradas, aos órgãos sexuais, quer masculino quer feminino, bem como ao coito, o que pode levar a pensar no culto fálico.

O *acoanhar* é serviço que compete conjuntamente às mulheres e aos homens, como bem mostra a fig. 13 da Est. V.

Estes, com as *forcadas*, levam para a borda da eira alguma palha miúda e as espigas que quebraram ao malhar, e, desprendidas do colmo, ficaram misturadas com o grão.

Para este serviço ficar bem feito, fazem várias passagens com as *forcadas* e, depois, com o *engaço* (ancinho de dentes de pau).

Atrás dos homens vão as mulheres com *coanhas* (2) de *gesta* a limpar, por maior, o eirado das espigas soltas e de algum palhuço miúdo.

é feito com o olho da machada que todo o lavrador leva sempre no jugo dos seus bois, metida num gancho de ferro. Quando os lavradores andam à jeira, repetem com frequência o *tropicar* do arado, serviço que fazem com todo o vagar, para que o gado descanse. É maneira hábil de defraudar o patrão.

Conta-se que determinado grande proprietário trasmontano, quando se falava da *cera* que os operários e, de um modo geral, os servidores fazem sempre que podem, costumava dizer: «o pica-pica dos pedreiros e o rapa-rapa dos trolhas já há muito os percebi eu; agora as pancadinhas que o lavrador dá a cada passo no arado, essas é que não há forma de as entender».

(1) Muito interessante esta alusão ao lobo pardo, que simboliza o espírito do cereal.

Como é bem sabido, e o facto foi especialmente posto em realce por George Frazer no seu livro *Esprits des blés et des bois* (Trad. franc.), Paris, 1935, o espírito dos cereais aparece muitas vezes materializado, digamos corporizado, num animal, quer doméstico, como o galo, ganso, cão, carneiro, cabra, porco, vaca, ou cavalo, quer silvestre, como lobo, raposa, lebre, etc.

Jorge Dias, no seu belo trabalho *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, Sep a do n.º I da rev. «Terra Lusa», Lisboa, 1951, citando passagens do livro de Wilhelm Mannhardt, *Mythologische Forschungen*, Estrasburgo, 1884, escreve a pág. 12: «Na região de Treves, Alemanha, acreditavam que o lobo se escondia no último feixe e, a fim de o matar, batiam-lhe até a palha ficar desfeita. (Mannhardt, ob. cit. pág. 321 e segs.). Em França também havia a crença de que o lobo aparecia na ceifa e era costume gritarem todos ao ceifeiro que cortava a última gabela: — «Tu attraperas le loup». (Mannhardt, ob. cit. pág. 320). Na mesma pág. 12, em nota do fundo da pág., Jorge Dias escreve que, segundo se pode ver nas obras de Frazer e de Mannhardt, foram correntes em várias regiões da Europa frases como estas: «Tu apanhaste o lobo»; «O lobo morde-te»; «Tu és o lobo»; ditas àquele dos ceifeiros, ou dos malhadores, que ficava para trás ou em último lugar». Em Miranda o ceifeiro que fica para trás é o *rabão* ou *leva-a-chave*.

(2) A *coanha* é uma tosca vassoura de *gesta* (cf. *giesta*) — uma *gesta* nascida, ou ramos da mesma com as pontas naturais — que serve para *acoanhar*, ou seja para tirar do grão a palha miúda e o *côscó*. Este é formado por cabeças ou bocados de espigas, praganas e palhuço miudinho.

É de regra que as mulheres, quando andam a *acoanhar*, cantem o *manjaricão*. Eis algumas quadras mais correntes neste cantar:

O manjaricão é mimo,	Ai Jesus! qu'assim faz calma
Eu também já fui mimosa;	Na eira aos malhadores.
Se não estivesse ofendida,	Quem fora ramo de murta...
Não me mostrava queixosa.	Qu'assombrara o meu amor.

Manjaricão da janela,
 Já te podes ir *sequendo*;
 Já morreu quem te regava;
 Eu já me vou *enfadendo*.

Vassourar a eira

Depois do *acoanhar* vem o *juntar*, *rodar*, *amontoar* ou *avassourar*.

Os homens vão juntando o cereal com o lombo do *engaço*.

Quando o eirado é grande e o cereal é muito, a *amontôa* faz-se com o *rôdo*. Este é formado por uma tábua de *sólho* em cujas extremidades se fizeram entalhes para receber, em cada uma delas, uma volta de corda, cujas pontas convergem e vão amarrar a uma *forcada*, à qual puxam dois homens, um de cada lado das cordas; para além da *forcada*, e às pontas da corda, puxa um terceiro homem. Um quarto segura a tábua, mantendo-a em posição conveniente para perfeito arraste e amontoamento do cereal.

As mulheres com *vassouras de gesta* vão varrendo a eira e juntam ou amontoam o grão: fazem o *monte* ou o *mó* (Est. V, fig. 14).

A vassoura, também feita de *giesta*, é, no entanto, bem diferente da *coanha*. A vassoura é feita de alguns ramos de *giesta*, bem amarrados em molho, depois do que se lhe cortam as pontas à mesma altura com um *podão* ou *machada*.

Padejar

A *padeja* ou *limpa* é feita pelos homens que, com as pás, atiram o cereal ao ar, quase na vertical, quando sobre um «ventinho». Ao mesmo tempo algumas mulheres *acoanham*, protegidas com o *carapuço*, saco posto pela cabeça à maneira de capucha, que as defende da chuva do grão (Est. VI, fig. 15 e 16).

Ao *padejar*, a palha miúda e o *côscó* são levados pelo vento e, voando, vão fazer monte a um lado.

Mas há sempre um ou outro pedaço de espiga ou de palha mais grossa que o vento não leva e, de mistura com algum grão, vem cair em cima ou ao lado do *mó*. As mulheres vão-nos incessantemente *acoanhando*.

Rabo do mó é o monte de moinha e palhuço feito com o acoanhado do que cai sobre o cereal e que as mulheres vão fazendo à medida que prossegue o *padejar*.

Quando acabam o *rabo do mó*, isto é, quando vai ao ar a última pá do grão e moinha do *mó*, o homem que estiver mais perto das mulheres é o que ganha um maço de cigarros.

Não conseguimos que nos explicassem a razão deste brinde ou galardão ao homem que mais próximo estiver das mulheres. A menos que isto seja vaga reminiscência de qualquer prerrogativa especial que o homem tivesse sobre a mulher que lhe estivesse mais à mão. Lembremo-nos de que nas ceifas e nas malhas há costumes e usanças cujo simbolismo está ligado aos primitivos ritos da vegetação e do culto dos cereais. A fertilidade de parte do cereal colhido, que se guardaria para semente, é condição basilar da boa colheita do ano próximo, da permanente renovação, mantida anos e anos sem fim, em acto de germinação exuberantemente procriadora. Uma boa semente representa não só a garantia da hora que passa, mas também do dia de amanhã. Uma boa semente é a fartura e a segurança do futuro, mantida em potência germinal.

Ora este milagre de latência vital na semente, mas latência com extraordinária potencialidade de vida a prosseguir em colheita próxima, ao espírito do homem primitivo, só poderia conseguir-se com práticas de magia, na qual os ritos imitativos, possivelmente, desempenhavam papel importante.

Não representará hoje o singelíssimo maço de cigarros, ganho pelo homem que mais perto esteja das mulheres ao acabar o padejamento do *mó*, qualquer velha e larga prerrogativa que, noutros tempos, lhe seria dado exercer sobre a mulher que lhe ficasse mais à mão?

Será ousada uma tal interpretação; mas o certo é que nas malhas e nas ceifas há muitos usos e costumes cujo simbolismo deixa transparecer claramente a preocupação aguilhoante da germinação da semente e da fertilidade das sementeiras.

É bem sabido que os ritos imitativos aparecem a cada passo em velhas usanças ou costumes arcaicos desempenhando muitas vezes papel importante e significativo.

O molho do patrão

Cada *eirado*, se a eira é suficientemente espaçosa, leva 20 *pousadas* ou sejam 100 molhos. Há eiras pequenas que não comportam mais do que 13 a 15 *pousadas* em cada *eirado*.

O número de eirados num dia é variável. Quando a malha é de centeio, o seu número, por via de regra, é de 7 ou 8; 4 até ao meio-dia, e 3 ou 4 do meio-dia para a noite. Quando é de trigo, o número de eirados é quase sempre 5, às vezes 6. Mas, quando chega a 6, já corre o perigo de ficar mal malhado.

No último eirado de cada patrão, o derradeiro molho é posto no meio do eirado, por desatar e ao alto. É o «molho do patrão».

Decruam e entravessam o eirado sem tocar naquele molho, que se mantém intacto.

Depois, um dos malhadores, bem alto, para que o patrão, que está na eira, não deixe de o ouvir, pergunta ao mais velho do grupo:

— Quanto vale o «molho do patrão»?

A resposta não se faz esperar.

O seu preço umas vezes é feito em dinheiro, 20 ou 30 escudos, mesmo 50; outras vezes é feito em vinho, uma *romeia* ⁽¹⁾, ou, quando muito, um cântaro.

Os malhadores, de soslaio, vão olhando o patrão que, por via de regra, se conserva calado, manifestando um certo alheamento ao preço posto e às piadas que todos os malhadores, e até as próprias mulheres, lhe vão dirigindo mais ou menos abertamente, tententes a espicaçar-lhe o brio.

Por fim, o patrão aceita o preço posto ao seu molho, isto é, põe a si mesmo a multa ⁽²⁾ indicada pelo mais velho malhador do rancho, o que implica a obrigação do pagamento da mesma, em regra feito de boa-mente.

Depois de o patrão aceitar a multa ou, como mais frequentemente dizem, «pôr a multa», é uma gritaria bárbara de todos os demónios.

— Vamos ao molho!... Vamos ao molho!... Vamos ao molho!... gritam os malhadores em grande algazarra.

E todos malham bravamente no «molho do patrão», até o esfarraparem.

Aquele molho simbólico, o último da mêda, depois de furiosamente batido pelas mangueiras, fica, por assim dizer, estrancinhado ⁽³⁾.

É deveras interessante a simbólica deste «molho do patrão». Constitui manifestação actual, incruenta, do sacrifício ou morte do dono do cereal, como sobrevivência, esbatida, de autênticos sacrifícios humanos que as populações primitivas, na quadra das ceifas e das malhas, bárbaramente praticavam, em obediência a velhos ritos ligados à fertilidade da terra e estímulo da germinação, em homenagem, ou culto, ao espírito dos cereais.

De tais barbaridades se ocupa largamente George Frazer ⁽⁴⁾, baseado nos textos

(1) A *romeia* ou *remeia*, velha medida de capacidade de líquidos, vale meio cântaro; é, portanto, a quarta parte do almude. Este, por via de regra, tem 25 litros e a *romeia* a quarta parte. A capacidade do almude pode variar de terra para terra. No concelho de Moncorvo o almude é de 25 l., mas já no concelho pagado de Mogadouro o almude é de 32 l. e cada *remeia* tem 8 l.

(2) A propósito da multa, ocorre-nos transcrever o que Jorge Dias, no trabalho *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, já atrás cit., escreve a pág. 7: «É costume os camponeses alemães, durante as ceifas e malhas, agarrarem qualquer estranho, amarrarem-no com um vencilho e só o soltarem quando ele paga uma multa. Isto mesmo se faz ao dono do cereal quando ele aparece na eira».

(3) Recorde-se o que atrás escrevi na nota 2 da pág. 6: «Na região de Treves, Alemanha, acreditavam que o lobo se escondia no último feixe e, a fim de o matar, batiam-no até a palha ficar desfeita».

(4) George Frazer, *Esprits des blés et des bois* (Trad. franc.), Paris, 1935.

de antigos autores romanos e gregos. Sabe-se, através destes autores, que, por exemplo, os Celtas da Gália, pelos fins do séc. II e princípios do I a. C., faziam, de 5 em 5 anos, verdadeiras carnificinas em festas religiosas impregnadas de singular magia, com as quais tinham em vista estimular a vegetação e garantir a fertilidade da terra. Jorge Dias, no seu trabalho já citado, *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, extractando Frazer, escreveu, a pág. 8: que naquelas festas cruentas de Celtas da Gália, «as vítimas eram geralmente criminosos, mas, se os não havia em número suficiente, aproveitavam os prisioneiros de guerra, pois quanto maior fosse o número de vítimas maior seria a fertilidade obtida».

Jorge Dias, no mesmo trabalho, ao estudar as malhas em Celorico de Basto, descreve, nas págs. 5, 6 e 7, uma das fases da mesma, o «enterro do patrão». Esta cerimónia, precedida dum cântico lamuriento, arrastado e plangente, com seu quê de fúnebre, consiste em agarrarem o patrão, que fingem dominar pela força, e levarem-no de charola, em braços, como se estivesse morto, até à adega, cuja porta abrem com os pés do patrão. Este é então largado e vai buscar vinho ao som das risadas e grande algazarra dos malhadores. A malga, cheia do verdasco, como diz Jorge Dias, «vai passando de uns para os outros, bebendo o morto tanto como os vivos» (1).

O «molho do patrão», na Cardenha, bem como o «enterro do patrão», em Celorico de Basto, são similares reminiscências de velhas práticas cruentas, sanguinárias, com que os nossos antepassados de há muitos séculos, obedecendo a preconceitos rituais de velha magia, procuravam, como vimos atrás, consagrar o espírito dos cereais, estimulando a germinação e propiciando a manutenção de uma excelente fertilidade das terras cultivadas.

Arrochar a palha

A palha tem de ser transportada para o palheiro. Para isso há que o amarrear em faixas, ou seja, feixes de palha balga. Este serviço compete às mulheres (Est.

(1) O vinho é o estimulante precioso para o nosso lavrador. «Pão e vinho, anda caminho» diz o velho ditado. Se um copo de vinho é sempre apreciado, mormente o é nos serviços violentos feitos ao pino do sol, como sucede com as malhadas.

O grande etnógrafo nortenho Dr. Augusto César Pires de Lima, o nosso consagrado Mestre da etnografia do Baixo-Minho, no Vol. 3.º do seu belo livro *Estudos etnográficos, filológicos e históricos* cit., a pág. 276, escreve: «A pedir vinho, cantam os malhadores: Há uma vaca nos Reis, (possível referência à casa dos Reis, na freguesia de Avidos, Famalicão), / Que também tem um bezerrinho; / A vaca chama-se *Andoba*, / E o bezerro *Andobinho*; (*andobinho* quer dizer: venha vinho! Cfr. Rev. Lusit., Vol. VI, pág. 139) / Ó malhar das espigas / Se canta o *Albo*; / Pão branco e *binho*; / Ó senhor meu amo, / Binho e pão branco. / Depois da distribuição do vinho, os malhadores dão vivas aos donos da casa, acompanhados de vozes prolongadas, que ecoam até muito longe: — *ih, ih...! uh, uh...!*».

Na Cardenha, nas ceifas, serviço bem mais violento do que as malhas, o vinho é servido, por um rapaz ou rapariga, às rodadas e ao *eito*, isto é, começando numa ponta do corte e acabando na outra. Estas rodadas servem-se aí de 2 em 2 horas. Se o rapaz ou rapariga se descuida, um dos segadores começa a gritar: — «O meu pai era andúbio, minha mãe andúbia era e eu sou andobinho». Cada um dos segadores vai repetindo «andobinho», «andobinho», «andobinho» etc., até que o servidor do vinho se apresta a cumprir a sua missão.

VII, fig. 17). Primeiro fazem o *banceilho*. Este é feito com o colmo inteiro, que, posto de molho, se deixa facilmente amarrar. Tomam duas pequenas manadas deste colmo humedecido e amarram-nas pelas pontas das espigas. Assim está feito o *banceilho*, que vai servir de atadura ao molho. Estendem o *banceilho* no chão e em cima deitam-lhe duas boas braçadas de palha. Em seguida puxam as pontas do *banceilho*, que aproximam apertando a palha. Com elas fazem torcida dando-lhe duas voltas conjuntas. Depois, com a *estaca* ou *arrocho de ponta* (Fig. 4), obrigam a torcida a dar mais duas

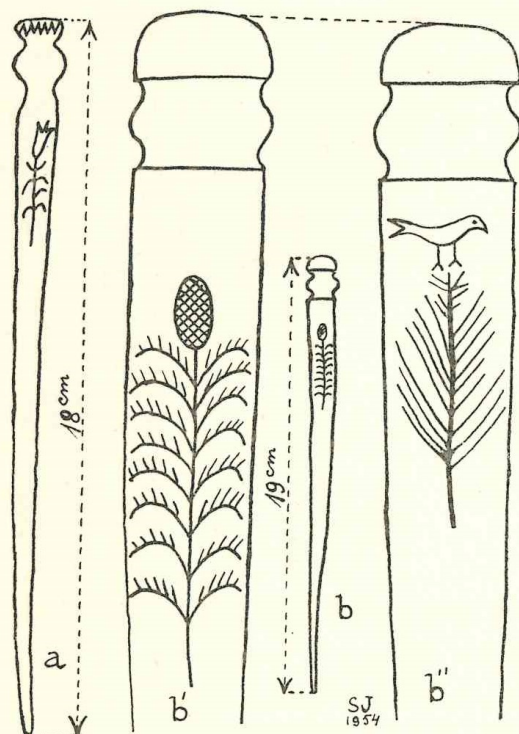


Fig. 4 — *Estaca* ou *arrocho de ponta*, quase sempre feito de buxo

voltas e metem-lhe as pontas, bem firmes, debaixo do mesmo *banceilho*. Isto feito, puxam o *arrocho*, que metem na cinta, no cós da saia, à maneira de punhal. Está feita a faixa.

Regime de trabalho dos malhadores

Cada malhador recebe logo de manhã, na sua cabaça, uma canada de vinho (dois litros). É do ritual dar um «beijinho» na cabaça no fim de cada eirado.

O serviço começa pelas 6 horas da manhã. O dono do cereal dá o *matabicho*, por via de regra na própria eira, ao começar a faina; a *parva*, à meia manhã, aí pelas 10 horas, e a *merenda* à meia tarde, aí pelas 17 horas. A estas refeições servem quase sempre figos, queijo, azeitonas e pão; com aguardente ao *matabicho*; com vinho nas outras duas. O almoço, pelas 8 horas da manhã, o jantar, ao meio dia, e a ceia, das 19 para as 20 horas, são de conta dos próprios malhadores. Um

vezes vão comer a suas casas, especialmente quando as eiras são perto do *povo*, outras vezes a família leva-lhes o comer à eira.

Do meio dia às duas pára o trabalho na eira. Com o almoço gastam meia hora, ou pouco mais. O resto do tempo até às 14 horas aproveitam-no para dormir a sesta nos *cobertos* da eira.

À hora de pegar ao serviço todos acordam e a faina prossegue. Se, porém, algum, por mais *dorminhão*, continua a dormir, os outros não o acordam. Vão andando com o serviço. Se o *dorminhão* não acordar, no fim da decrua um deles veste uma saia de mulher, a fazer de padre. Com uma vassoura a fazer de hissope e um regador de água, vão-se todos a ele e molham-no bem molhado. O *dorminhoco* sabe que de pouco lhe valeria tentar resistir. Abandona-se aos seus algozes, que a seguir o colo-

Coro dos Trabalhadores

Cardimã - Moncorvo
1953

♩ = 63

A que to-bi-a pa-tor-ra ia que-
 to-bi-a pa-torra Sta de baiao do tor-
 rão e a que-to-bi-a pa-tor-ra Si
 A que to-bi-a pator-ra Sta de baiao
 do torrão Mas ai! Si! — Si! — mo-i-
 dinha com panca. das mo-i dinha com pan-
 ca-das Eue lbe deu o gafanhão mo-i-
 dinha com panca das Si! mo-i. dinha
 com panca das Eue lbe deu o gafanhão Mas Si! Si! —
 Si!

D.C.

cam numa *lona*, ou manta de sarapilheira. Quatro pegam às pontas. Com o padre atrás, e todos em lúgubre cantochão, lá vai o esquife bamboleante até ao meio da eira, para onde o atiram no meio de grande algazarra.

O serviço termina, como disse, das 19 para as 20 horas. Quando, porém, há serviço na eira até mais tarde, que obriga a serão, então é ao patrão que compete dar a ceia. Esta é constituída por caldo ou migas, batatas ou arroz com bacalhau, ou então carne de *badana* ⁽¹⁾ ou *capado* ⁽²⁾ com batatas ou com arroz. O vinho é servido com largueza.

O coro dos malhadores

É na *entrevessa*, como dissemos, que os malhadores da Cardenha cantam o seu notável coro, do qual damos a respectiva música na página anexa.

Cada quadra tem uma série de repetições, quer sucessivas quer interpoladas, como passamos a exemplificar com esta quadra :

A quetobia (cf. cotovia) patorra
Stá debaixo do torrão,
Moidinha com pancadas
Que le deu o gafanhão ⁽³⁾,

que no coro se canta assim :

A quetobia patorra
à quetobia patorra
stá debaixo do torrão ;
e a quetobia patorra
ai a quetobia patorra
stá debaixo do torrão :
mas ai !
ai!... ai!... ai!...
moidinha com pancadas
moidinha com pancadas
que le deu o gafanhão :
moidinha com pancadas,
ai moidinha com pancadas
que le deu o gafanhão ;
mas ai !
ai!... ai!... ai!...

(1) A *badana* é a ovelha velha, com mais de 6 anos.

(2) O *capado* é o bode velho castrado.

(3) *Gafanhão* é o nome com que designam o gafanhoto grande ou gavião.

Seguem mais algumas quadras que frequentemente são cantadas no coro dos malhadores.

Lá baixo vem a raposa
Pela rodeira do carro;
Traz os olhos na carcota ⁽¹⁾
E o cu debaixo do rabo.

Ó Senhora do Imparo (cf. Amparo)
Imparai os homens todos;
Imparai-os p'rá taverna
As mulheres p'rò céu dos lobos ⁽³⁾.

Ó Senhora d'Assunção
Vestidinha d'amarelo;
Ela vai ribeira abaixo ⁽²⁾
Visitar a do Castelo.

Minha Virgem d'Assunção,
Que estais lá no cabecinho,
Que dais aos vossos romeiros
Que não cabem no caminho?

Ó Senhora do Castelo
Eu p'ró ano lá hei-de ir,
Ou casado ou solteiro
Ou criado de servir.

Minha Virgem d'Ascenção,
Que estais lá no cabecinho,
Deitai o peitinho de fora,
Dai de mamar ò menino.

Viva o nosso amo d'hoje,
Viva os anos que deseja,
Viva também uma rosa
Que recebeu na igreja.

Viva quem aqui chegou,
Por ora não digo quem;
Chegaram aqui dois olhos
A quem os meus querem bem.

Quero-te bem, rapariga,
Por seres acautelada;
Quem se acautela não perde,
Quem perde não ganha nada.

Para estas 10 quadras, todas elas em linguagem decente, e algumas bem lindas por sinal, registei 18 quadras com alusões, ou veladas ou declaradas, aos órgãos sexuais, quer masculino quer feminino, bem como ao coito. Algumas descaradamente pornográficas.

De todas a única que nos atrevemos a publicar é a seguinte:

O lagarto é pintado
Da cabeça até ao meio;
Não sei com'às mulheres *pode*
Com tanta carne no seio.

(1) Nuca, cachaço. Os mirandeses chamam-lhe *cucote*.

(2) Este verso às vezes é cantado na seguinte modalidade: Vê-la vai ribeira abaixo.

(3) Este « céu dos lobos » tem o mesmo significado desdenhoso do correntio « céu dos pardais ».

Registe-se que a licenciosidade da letra das tais 18 quadras só é permitida no coro dos malhadores. Se em qualquer outra ocasião alguém cantar qualquer das mesmas quadras, ou outras similares, o facto é manifestamente censurado, e quem o fizer, considerado atrevido e desbragado. Quer dizer, na ocasião da malha e na *entravessa*, aos malhadores é permitido cantarem quadras indecorosas, algumas descaradamente pornográficas, o que, naturalmente, leva a pensar no culto fálico ⁽¹⁾.

As próprias mulheres que trabalham na eira, as que por acaso assistam aos serviços, ou as que acidentalmente por ali passem, ouvem-nas sem terem o direito de se agastar, embora, como é natural, não lhes agrade por indecorosa e impúdica a letra das quadras mais desbragadas.

CONCLUSÕES

O facto de os malhadores da Cardenha cantarem ao malhar constitui manifestação assaz curiosa e, até certo ponto, estranha, porquanto o serviço das malhas é bastante puxado, conseqüentemente, pouco azado ao canto.

Certo é que só cantam na *entravessa*, mas, assim mesmo, o serviço desta fase está longe de ser leveiro, e é feito na canícula de Julho, por vezes com sol a pino.

Se não fora a frequência com que o *ai* entra nos cantares do povo, poderia pensar-se que a violência do trabalho seria a razão de o canto se reiniciar com um *ai*, a meio do coro se repetirem vários *ais* e com eles se rematar sempre cada quadra que se cante. Estes *ais* não devem ter estrita significação de queixume, mas, sobretudo, valor musical, «sílabas de encher», aproveitadas pelos malhadores para respirarem durante a canção, sem esta perder nem a continuidade nem o ritmo.

O cantar, por via de regra, é quase obrigação num grande número de serviços agrícolas, mas «leveiros», tais como sachas de milho, esfolhadas ou descamisadas, mondas, vindimas, pisas, espadeladas, apanha da azeitona, etc., etc.

Mas, repetimos, num trabalho tão «puxado» como é a malha, o facto apresenta-se estranho. O malhar é serviço impetuoso, intenso, por vezes brutal.

Jorge Dias, a pág. 5 do seu trabalho *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, já várias vezes citado, diz que, enquanto os malhadores batem o cereal, «as mulheres conversam, cantam, riem e estimulam-nos quando no final das eiradas eles se esforçam por dar estoiros mais fortes, num autêntico jogo de competição».

Jaime Lopes Dias ⁽²⁾ realça o mesmo facto quando, ao aludir às malhas, escreve: «Por se tratar de serviços muito violentos costumam dizer no Castelo (Sertã) em relação à malha do centeio e à debulha do trigo: «quem malha fica malhado, quem debu-

⁽¹⁾ Sobre o culto fálico vide José de Pinho, *Survivance du culte phalique dans les fêtes en l'honneur de S. Gonçalo de Amarante*, in C. R. du XV.^e Congrès Int. d'Antrop. et d'Archéologie Préhistorique, Portugal, 1930, págs. 668-673, Paris, 1931.

⁽²⁾ Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, Vol. VIII, Lisboa, 1953, pág. 146.

lha fica debulhado» (1). Por esta razão, os que as executam têm especial tratamento alimentar. Assim, pela manhã tomam a desejava: pão, sardinhas fritas, azeitonas, queijo ou passas (figos secos) e aguardente; às 9 horas almoçam; ao meio-dia jantam; às 14 horas petiscam; à tardinha merendam; e à noite ceiam, entrando nestas refeições carne de chibato ou carneiro, toucinho, paio, grão, feijão branco, filhós e vinho em abundância (2).

Dada a violência do serviço da malha, é na *entravessa*, como dissemos, que os malhadores cantam o seu coro, ao bater compassado dos malhos, que marcam o ritmo do coro.

As diferentes fases da malha na Cardenha são, de um modo geral, as mesmas que se encontram de norte a sul do país. Algumas particularidades no que respeita a certas designações não deixam, sem dúvida, de ter o seu interesse.

Há, porém, que realçar algumas passagens que, pelo seu simbolismo, atestam esbatida sobrevivência de velhos ritos, bárbaros e sangrentos, ligados à fertilidade da terra, à boa germinação e desenvolvimento da semente, num todo de homenagem, ou culto, ao espírito dos cereais.

Essas passagens são: o ganho do singelo masso de cigarros pelo malhador que mais perto estiver de uma mulher, ao acabar o padejamento do *mó*; o *molho do patrão* de tão notável simbolismo como atrás referimos; a estranha licenciosidade de muitas quadras cantadas pelo coro dos malhadores, das quais, como dissemos, algumas são descaradamente pornográficas.

Estas passagens e o lindo coro dos malhadores, que constitui a razão fundamental deste trabalho, conferem à faina da malha na Cardenha a qualidade de página valiosa da etnografia trasmontana.

A canção dos malhadores da Cardenha, quebrando a monotonia do tan... tan... dos malhos, é uma manifestação gritante da alma trasmontana, tão resistente e optimista ao calor abrasador do sol picante de Julho, como ao frio enregelante do vento áspero e cortante de Janeiro.

Afonso Valentim
António Mourinho
Santos Júnior

(1) Cfr. o provérbio «Quem mina fica minado». Mas aqui, a intenção é diferente: pode-se aludir à falta de seriedade dos mineiros. (P. Lima).

(2) Tratamento similar se observa em Trás-os-Montes, mas nas segadas. Ali, as refeições têm os seguintes nomes e constituição: *desinjum*, de madrugada ao abalar para o serviço; como *desinjum* ou «mata-bicho» comem um «taco» e bebem aguardente; o taco é, por via de regra, uma mão-cheia de figos e umas nozes, um bocado de pão e um pouco de queijo ou uma manada de azeitonas; o *almoço* pelas 8 horas da manhã; a *parva*, pequena refeição servida pelas 10 horas, é mais o pretexto para beber uma pinga de vinho do que propriamente para comer, e a sua constituição é semelhante à do *desinjum*; o *jantar* ao meio-dia; do meio da tarde para a noite a *merenda*, queijo e pão, pão e azeitonas e mais vinhaça; à noite a *ceia*. O *desinjum* e a *ceia* são em casa, as outras refeições no campo.

O *almoço*, o *jantar* e a *ceia* são sempre refeições fortes, com vinho servido com largueza e obrigadas a carne; «comida de gancho», como já tenho ouvido chamar-lhe, isto é, na qual se possa espetar o garfo e trazer presos bons bocados de comida.



Fig. 5 — O astrar do eirado



Fig. 6 — A *decrua*, ou seja a primeira malhadela, ao iniciarem a correia. Repare-se na posição de esforço dos homens do primeiro plano. Pernas e tronco flectidos coadjuvam a energia braçal no bater forte do malho.



Fig. 7 — Uma fase da *decrua*. Pela forma como os malhadores estão enterrados na palha, pode ajuizar-se da espessura do astrado.

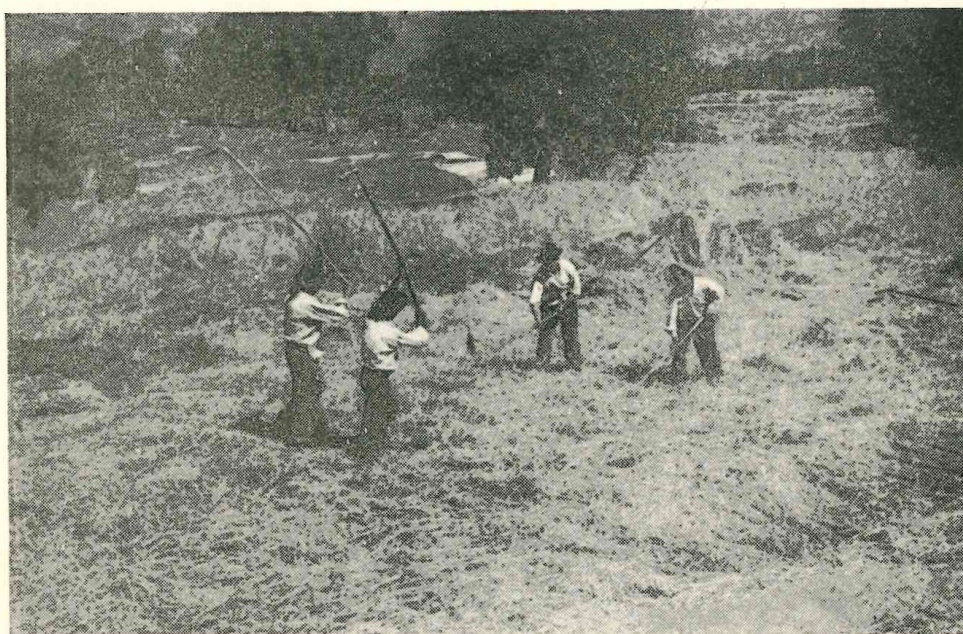


Fig. 8 — Nesta fotografia, como na anterior, pode bem apreciar-se a energia com que é feita a *decrua*. Braços bem ao alto e mangueira levada bem atrás.



Fig. 9 — O virar do eirado. Este serviço compete exclusivamente às mulheres.



Fig. 10 — A *entrevessa*. Segunda malhadela, feita depois de virar o eirado. Pode bem aperceber-se, pela posição dos braços dos malhadores, que a *entrevessa* é um malhar brando e suave. É nesta fase que os malhadores cantam.



Fig. 11 — Abrir a palha e fazer o *cordão*.



Fig. 12 — Tira da palha. Os homens com as *forçadas* arrastam para a borda da eira a palha que tinha sido posta em *cordão*.



Fig. 13 — *Acoanhar*. Os homens com *forcadas* ou *engaços* limpam o grão de alguma palha miúda. As mulheres com *coanhas* limpam o eirado, por maior, das espigas soltas e do palhuço miúdo.



Fig. 14 — *Vassourar da eira*. Os homens com pás ou *engaços* e as mulheres com vassouras, amontoam o grão no meio da eira, fazendo o *monte* ou o *mó*.



Fig. 15 — Padejar. Do *mó* o homem atira o cercal ao ar com a pá.
As mulheres protegidas com o *carapuço* vão acanhoando.



Fig. 16 — A *padeja* ou *limpa* faz-se atirando o cercal às pãzadas quase na vertical.
A mulher do primeiro plano está a acanhoar o rabo do *mó*.



Fig. 17 — O arrochar da palha é serviço das mulheres. A palha balga tem de ser amarrada em faixas. Cada faixa ou molho leva duas grandes braçadas de palha. Primeiro fazem os *banceilhos*, atando, pelas cabeças, pequenas manadas de colmo humedecido. Com os *banceilhos* atam os molhos, amarrando-os fortemente, por torcedura feita com a *estaca* ou *arrócho de ponta*.

C. M. B.
BIBLIOTECA

biblioteca
municipal
barcelos



11604

Malha do cereal na cardenha e
coro dos malhadores